

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do X<sup>o</sup> UO GNR<sup>o</sup> Umpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 21 - Ensino de língua portuguesa e a construção de subjetividades no discurso escolar, 3185-3200

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p3185

<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

## CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES NO DISCURSO E NO LETRAMENTO ESCOLAR

Paulo Roberto ALMEIDA<sup>31</sup>

### RESUMO

É por meio da linguagem que o indivíduo assegura-se não só de seu conhecimento de mundo e dos outros como também de si mesmo. É pela linguagem que lê e constrói o mundo. Na dimensão sujeito/língua(gem)/mundo e no processo de constituição/construção de subjetividades, entendemos que os sujeitos se constituem dialogicamente pelo discurso ao interagir com as palavras alheias replicando com suas contrapalavras. E no letramento do domínio discursivo escolar os sujeitos entram em contato com o universo das palavras literárias – vozes polifônicas a impregnar o processo discursivo de constituição sociohistórica e cultural, e produzem enunciados em que materializam sua como forma de ver/interpretar a realidade social. Tomando como referência teórica os conceitos de letramento e a perspectiva de um sujeito “trabalhador”, norteadas por uma pesquisa de cunho qualitativo, o presente trabalho tem como objetivo i) refletir sobre o processo de construção de narrativas de vida produzidas por alunos de graduação do curso de Letras, na área de formação de professores: suas histórias no contato com o mundo da escrita, ou seja, suas histórias de letramento; ii) indiciar nessas histórias os modos de um dizer, as táticas no trabalho de dizer o mundo por meio da linguagem. Nessa relação sujeito/língua(gem), nosso olhar estará voltado para a manifestação de subjetividades de sujeitos e suas implicações na construção de posições de poder vinculadas à sua apropriação de letramentos de prestígio.

**PALAVRAS-CHAVE:** letramentos; ensino; formação de professores; subjetividade

### INTRODUÇÃO

*Para dar o justo peso a honrarias humanas como símbolo da dignidade senatorial, devemos nos afastar do objeto para buscar seu princípio causal, fazendo uma pergunta semelhante a uma adivinha*  
(Carlo Ginzburg)

Impaciente, o senhor Palomar (Calvino, 1983), observando o mar, com um objetivo limitado e preciso, busca uma operação difícil: isolar uma simples onda das

---

31 UEL - Universidade Estadual de Londrina/PR – Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas (Rua Rangel Pestana, 379, Cep: 86062-020, Londrina/PR, Brasil/ [pralmeida@uel.br](mailto:pralmeida@uel.br)

outras ondas e, através da observação meticulosa dos seus movimentos (da onda), “*colher todos os seus componentes simultâneos*”, “*registrar todos os aspectos*”. E tão logo percebe que tenha captado o princípio da regularidade – a repetição das imagens desse movimento - aí sim, metodicamente, talvez possa organizar uma imagem padrão, definir um modelo para compreensão de um saber universal sobre toda e qualquer onda. Mas, não conta ele com o entrecruzar de ondas oblíquas e ondas contrárias que fragmentam e desfiguram o desenho do conjunto e assim comprometam toda a operação tão meticulosamente planejada.

Assim, compreender uma onda e seus movimentos implica compreender que ao mesmo tempo em que cada onda é igual a outra onda, cada onda é diferente de outra onda, como “*formas e sequências que se repetem*”, porém “*distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo*”, quebradas em “*impulsos e contra-impulsos no mesmo alagar de espuma*”.

Esse movimento (Palomar e “a onda”) possibilita-nos refletir que à semelhança da(s) onda(s) o universo social não pode ser pensado/analísado como uma estrutura homogênea, como “a onda”. Este universo social é constituído de discursos construídos a partir de uma pluralidade de posições. Dessa forma, entende-se que o espaço público não é homogêneo e, assim mais do que nunca, deve-se aprender a entender a pluralidade de suas configurações, buscando ‘olhar’ para outras vozes que “quebram” uma suposta hegemonia cultural e social.

Esse espaço plural, marcado pela heterogeneidade de posições diante do mundo social, caracteriza-se por diferentes manifestações culturais, isto é, um espaço constituído por uma gama contraditória e conflitante de elementos culturais e linguísticos que interagem e se digladiam: de um lado, um conjunto de valores da chamada cultura chamada hegemônica ou letrada/acadêmica e de outro, um conjunto de valores de culturas populares. É fundamental, aqui, a ressignificação do conceito de cultura: ao conceito tradicional de cultura como uma gama de conteúdos canônicos toma-se como pressuposto um conceito que a vê como produção desigual e incompleta de significação e valores (cf. Bhabha, 1998).

Um dos conceitos fundamentais dentro dos pressupostos teóricos de Bhabha (1998) é chamado de **hibridismo** ou o “**terceiro espaço**” (“**liminal space**”), elemento constituinte da linguagem e da representação. É nesse espaço em que as diferenças culturais se pronunciam.

E, para entender esse confronto de representações, é fundamental entender dentro desse “terceiro espaço”, em que se pronuncia/manifesta toda a gama contraditória e conflitante de elementos linguísticos e culturais, a posição enunciativa do sujeito, que para Bhabha constitui o lócus de enunciação, “lócus atravessado por toda a gama heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem qualquer sujeito” (idem, idem;119).

Esse olhar para a diferença cultural rompe com uma exposição linear, provoca um deslocamento do foco e intervém para transformar o cenário; ao redimensionar o olhar sobre a interpretação cultural do fenômeno, ou seja, “altera a posição de enunciação de enunciação e as relações de interpelação em seu interior; não somente aquilo que é falado, mas de onde é falado; não simplesmente a lógica da articulação, mas o topos da enunciação” (cf. Bhabha, op.cit.:228).

Tal deslocamento permite ainda que se desvele uma negociação que reposiciona a ideia de diferença cultural como uma mera representação de uma controvérsia entre conteúdos oposicionais de valor cultural; propõe um processo de ressignificação que leva em conta a natureza híbrida dos valores culturais.

É assim, pois, que para o heterogêneo se volta o nosso olhar, um olhar que procura perscrutar aquilo que se instaura, dentro do heterogêneo, como “diferente”: as vozes dissonantes que tentam levantar o véu da *doxa* do hegemônico. Olhar para tal universo constitutivamente heterogêneo implica olhar para questões como identidade e linguagem. A identidade pode ser vista como a interface entre posições assumidas pelo sujeito em situações sociais, o que nos possibilita ter uma ideia de quem somos, de como nos relacionamos com o outro e com o mundo em que vivemos. A identidade é, portanto, relacional: a diferença é estabelecida por marcas simbólicas em relação ao outro, marcas que são constituídas através de sistemas simbólicos de representação, entre os quais está a língua(gem), sistema simbólico socialmente construído que fornece formas de perceber e organizar o real, mediador na relação entre homem/mundo. Nessa direção, o olhar se volta para as manifestações de linguagem aí produzidas, materializadas principalmente na e pela escrita. Para o desvendamento/desvelamento de posições não consagradas, não canônicas, como forma de “desdoxizar” ou fazer emergir o “terceiro espaço”, marcado por uma situação de hibridismo cultural, crucial nos parece trazer aqui o conceito de letramento.

## **LETRAMENTO E CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADE**

*[...] o que merece especulada atenção do observador, da vida de cada um, não é o seguimento encadeado de seu fio e fluxo, em que apenas muito de raro se entremostra algum aparente nexó lógico ou qualquer desperfeita coerência; mas sim as bruscas alterações ou mutações - estas, pelo menos, ao que têm de parecer, amarradinhas sempre ao invisível, ao mistério. (João Guimarães Rosa)*

Entendendo o letramento como um conjunto de práticas socioculturais de usos da escrita, com valores diferentes socialmente, pode-se depreender que o letramento está fortemente relacionado aos diferentes campos do conhecimento e às diferentes formulações discursivas. Nessa perspectiva, as orientações dos letramentos dos sujeitos podem ser compreendidas como oriundas de conhecimentos formulados por eles nos seus grupos sociais e na relação com outros grupos e com as diferentes instituições, na vida cotidiana e em diferentes esferas do mundo social, atravessadas pelas diferentes maneiras como a linguagem escrita se apresenta, de modo implícito ou explícito. Isso significa dizer que, vivendo em sociedades letradas, sujeitos escolarizados ou não-escolarizados, de uma forma ou de outra, são afetados pelo fenômeno do letramento.

Definido em termos de práticas sociais e comunicativas com as quais os indivíduos se envolvem em vários domínios de sua vida, o letramento deve ser visto como histórica e socialmente situado. A escrita é tomada sob um olhar sociocultural efetivo, concepção em favor da qual se posicionam, hoje, teóricos do letramento (Street, 1984; 2003; 2007; Barton, 1994; Barton; Hamilton, 1998; Barton; Hamilton; Ivanic, 2000).

Grupos culturais distintos lidam de forma diferenciada com os usos e as práticas sociais de escrita. Sob essa perspectiva, os usos da língua escrita tendem a contribuir na configuração cultural dos diferentes grupos sociais, isto é, em diferentes subculturas, marcadas por diferenças culturais e linguísticas, entendendo aqui por subculturas “as culturas de grupos de diferentes condições sociais e econômicas, com diferentes níveis de acesso aos bens culturais, com diferentes graus de acesso a material escrito, portanto, grupos que atribuem diferentes valores às práticas de leitura e escrita, que vivenciam práticas sociais de leitura e escrita peculiares” (Soares, 2010, p.62), sobretudo se confrontadas com uma cultura dita oficial, ideologicamente constituída por um padrão de língua oficial, identificada como o estrato central do sistema, institucionalmente valorizado.

Nesse espaço híbrido, marcado pela heterogeneidade de valores e posições, os sujeitos são constitutivamente atravessados por uma gama heterogênea de ideologias e

valores socioculturais, qualquer imagem é híbrida e será sempre constituída por traços de outros discursos. Um olhar crítico para tal contexto revela que todas as formas de cultura estão constantemente num processo de hibridismo e é na busca de um “terceiro espaço” que se pode perceber o surgimento de outras posições.

Esse deslocamento do olhar para “o terceiro espaço”, ou seja, voltado para os letramentos locais ou vernaculares, possibilita que se revele/desvele as histórias que os constituem, inseridas nas entrelinhas e pode permitir, mais claramente, visibilizar e valorizar o hibridismo, ambivalência e a indeterminação na linguagem, desestabilizando e revisando aparentes certezas, desfazendo desejos substantivos de homogeneização e, dessa forma, dar conta da heterogeneidade de práticas não valorizadas e, portanto, pouco investigadas; pode permitir visibilizar e valorizar em práticas de linguagem, materializadas pelo uso da escrita, como alunos/sujeitos historicamente constituídos constroem formas de ver o mundo, mostram posições diante do mundo, isto é, como se constroem identitariamente na e pela escrita.

O olhar se volta, então para “trabalho” na e pela linguagem, na perspectiva de Possenti (1992), dentro de uma concepção de linguagem como atividade constitutiva do sujeito na manipulação de recursos expressivos de sua língua; atividade que podemos associar com a questão de autoria, no sentido de que ao mesmo tempo em que os discursos apontam marcas históricas e sociais, apresentam também marcas do próprio sujeito, desvelam certa singularidade (Possenti, 1992, p.17), ou seja, mostram um sujeito que, imiscuindo-se no discurso do outro, deixa a marca de sua presença, diz algo de si para si e para o outro. Ainda segundo o autor, o enunciado, nas mais diferentes esferas da vida social, pode apresentar a individualidade na fala ou na escrita, o que significa dizer que o enunciado pode refletir um “trabalho” do sujeito.

Esse posicionamento do sujeito diante de um ‘fazer textual’ constitui uma das regularidades subjacentes manifestadas nesse percurso discursivo: “um sujeito agindo, manobrando, mesmo que não saiba que manobra” (Possenti, 1998, p.115), posiciona-se e, decididamente, dispõe-se, propõe-se a escrever o que pensa, o que sabe e, pragmaticamente, determinado em sua manobra, “mesmo que sua manobra não produza o efeito por ele eventualmente intencionado” (Possenti, 1998, p.115).

## **OLHAR PARA O INSÓLITO**

*Para ver as coisas devemos, primeiramente, olhá-las como se não tivessem nenhum sentido: como se fossem uma adivinha (Calo Ginzburg)*

Em “Sexta-feira ou os limbos do Pacífico”, de Michel Tournier, o “selvagem” araucano Sexta- feira representa para Robinson (Crusoe) uma ameaça para a integridade da ordem estabelecida na ilha Speranza; leva ele, “selvagem”, uma vida à margem dessa ordem duramente fincada por Robinson. Suas ações e intervenções desestruturam a “doxa” estabelecida por Robinson, constituindo uma ameaça para a integridade da ilha administrada com rigor. Os sinais de sua passagem pela ilha constituíam indícios de uma vida à margem da ordem: o que dizer de pequenos arbustos desenraizados e replantados com os ramos enterrados e raízes voltadas para o céu que, a partir daí, criam novas formas e, metamorfoseando-se, acomodam-se à nova forma(?); ou ainda, o que dizer então que entre as flores de mandrágoras, cultivadas com grande atenção por Robinson, rigorosamente classificadas em suas cores, surja uma nova flor, uma nova variedade com uma cor raiada, listrada, que até há poucos dias ali na ilha não existia? “Nunca se deitara no sítio onde floriu a mandrágora listrada...” E a terrível descoberta: ao espalhar sua *negra semente* em cópula com flores de mandrágora, Sexta-feira produz novas mandrágoras raiadas, listrada ... outras mandrágoras ... as suas mandrágoras - para espanto de Robinson. (cf. Tournier, 1985).

A história envolvendo Robinson Crusoe e o “selvagem” Sexta-feira, ou melhor, Sexta-feira e Robinson, na leitura de Tournier, possibilita-nos uma reflexão sobre uma perspectiva sociocultural mais ampla, dimensionada para um olhar sobre a relação sujeito/língua(gem) e o processo de constituição/construção de identidades num universo heterogêneo, constituído por diferenças culturais e linguísticas e marcado por uma situação de hibridismo, ou seja, por uma coexistência de conjuntos de valores e verdades antagônicos.

Na dinâmica das relações sociais, dentro de um território social constituído por instituições manifesta-se um duelo, travado nas interações coletivas, em consequência das diferentes perspectivas advindas das múltiplas e diferentes matrizes de produção de sentidos e valores de diferentes grupos sociais, sobretudo no “duelo” social e linguístico travado entre diferentes grupos sociais no uso de diferentes modalidades linguísticas.

Para Soares (1992, p.58) “toda ordem que emerge do duelo é precária porque repousa na arquitetura diáfana do sentido. O sentido, além de dialógico, oscila entre as

estruturas semióticas e o desdobramento criador dos sujeitos na linguagem”. Considerando que o universo social é um território marcado por um constante conflito no jogo da interação social, é óbvio que a linguagem exerce um papel fundamental nesse duelo travado na trama interacional numa (des)ordem social marcada pela multiplicidade, pela diferença e pelo contraste.

É sabido que cada um de nós experiencia tensões/lutas entre identidades em conflito baseados(as) em nossas diferentes posições no mundo. A identidade pode ser vista como a interface entre posições assumidas pelo sujeito em situações sociais, o que nos possibilita ter uma ideia de quem somos, de como nos relacionamos com o outro e com o mundo em que vivemos. Ao considerar-se que a identidade é marcada pela diferença, isto é, por aquilo que não (se) é, o jogo de identidades pode ser compreendido por uma marcação de inclusão/exclusão – “incluídos” e “excluídos”, “nós” e “eles”.

A identidade é, portanto, relacional: a identidade de um “excluído” é produzida em relação a um “incluído” e a diferença é estabelecida por marcas simbólicas em relação ao outro, marcas que são constituídas através de sistemas simbólicos de representação, entre os quais está a língua(gem), sistema simbólico socialmente construído, mediador na relação entre homem/mundo.

Pensar a relação homem/mundo/língua(gem) impõe que se debruce o olhar para uma reflexão sobre concepções que interligadas contribuem para uma análise mais profunda sobre o processo de constituição identitária, sobretudo quando se tem como foco nessa relação a inserção dos sujeitos no domínio da escrita.

Constitui o nosso propósito neste trabalho refletir sobre o “trabalho” de falantes/sujeitos usuários de sua língua; a criatividade, tática e bricolagem dos usuários, suas “maneiras de fazer” (Certeau, 1990), os modos de um “fazer” “criar”, “gerar”, ou seja, as táticas no trabalho de um “dizer” o mundo pela escrita. Significa buscar em diferentes olhares, em diferentes formas de ver a realidade, indícios de uma “autoria” no tratamento da linguagem. Esse deslocamento pode permitir, mais claramente, visibilizar e valorizar o hibridismo, ambivalência e a indeterminação na linguagem, desestabilizando e revisando aparentes certezas (Bhabha, 1998).

Segundo Barton (1994), a escrita desempenha diferentes funções na vida diária dos indivíduos, em inúmeras atividades nas quais essa modalidade da língua está presente; trata-se dos eventos de letramento. Esse fenômeno marca ações de que a leitura e a escrita fazem parte. Nesse sentido, grupos culturais distintos lidam de forma diferenciada com os usos e as práticas sociais de escrita.

Sob essa perspectiva, os usos da língua escrita tendem a contribuir na configuração cultural dos diferentes grupos no universo social. Baseado nesses pressupostos, podemos inferir que práticas de letramento particularizam diferentes comunidades, o que traz implicações, por exemplo, no modo como os indivíduos lidam com os eventos de letramento manifestados no meio social.

Como já dissemos, o espaço social não pode ser pensado como uma estrutura homogênea, constituído apenas de verdades referenciais; caracteriza-se por diferentes manifestações culturais, ou seja, é constituído por uma gama contraditória e conflitante de elementos culturais e linguísticos que interagem e se digladiam: de um lado, um conjunto de valores da chamada cultura chamada hegemônica - letramentos dominantes como “letramentos institucionalizados”, e de outro, um conjunto de valores de culturas populares - letramentos locais como “letramentos vernaculares ou auto-gerados” (Rojo, 2009).

Segundo a autora, os agentes dos *letramentos dominantes* (professores, burocratas, padres, pastores, juizes, advogados, especialistas, autores dos livros didáticos, pesquisadores, jornalistas, comunicadores, etc) são legitimados institucionalmente e, portanto, são valorizados. Os *letramentos locais vernaculares* não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais e como tal, são marginalizados pela cultura oficial. Há, pois, um confronto/conflito entre elementos oposicionais e antagonísticos, num cenário acentuadamente híbrido em que se digladiam saberes ideologicamente postos em confronto/conflito e também ideologicamente materializados pelas diferenças linguísticas.

Constitutivo desse movimento de interpretação, um olhar crítico sobre os deslocamentos, os equívocos (previstos no sistema, mas ideologicamente não aceitos) permite uma ressignificação daquilo que não está/é naturalizado: a percepção e visibilização de falantes reais, em situação de uso real da língua, revela um real domínio da língua.

E é, pois, sobre essa configuração transitória de uma ordem linguística, da não-linearidade, em que se constrói uma “diferença que diferencia”, que debruçamos nosso olhar para a relação sujeito/língua(gem) na dimensão de manifestação de subjetividades, na perspectiva da constituição de subjetividades – posições de um sujeito-autor – e as implicações no processo de constituição identitária.



Ao pensar em constituição de identidades, penso no conceito de identidade como *posicionamentos* do sujeito, (Davies & Harré, 1990, apud Cavalcanti, 2001:53; Ivanic, 1997 e Clark & Ivanic, 1997), segundo o qual a posição tomada pelo sujeito o levará a olhar o mundo através de uma determinada posição de acordo com imagens e conceitos específicos que são tornados relevantes dentro de das práticas discursivas em que cada pessoa se engaja. Concebe-se, assim, o sujeito como um ser sócio-histórico que internaliza um sistema simbólico socialmente construído que fornece formas de perceber e organizar o real, mediador na relação entre homem e mundo.

É a partir dessa perspectiva teórica de sujeito que procuro atar o conceito de identidade: a identidade vista como manifestação de posicionamentos do eu (suas crenças, valores e interesses) diante do mundo social.

Considerando que os posicionamentos do eu refletem as manifestações de um sujeito histórico, inserido no mundo social, e que tais manifestações são construídas/constituídas dialogicamente pelos e nos discursos, numa relação com o Outro (outros sujeitos do universo social), materializados linguisticamente em enunciados verbais (cf. Bakhtin, 1992), entendo que os sujeitos, seres inacabados, completam-se/constituem-se nas falas do outro, mas ao completarem-se/constituírem-se nas falas do outro, completam e constituem o outro através de suas falas. E é através da inserção/inscrição dessas falas (Outro-Eu/Eu-Outro) que entendo que o Eu constrói posições que o “diferenciam” e o singularizam interdiscursiva e intradiscursivamente, conforme depreendo das palavras de Bakhtin (1992:314)

Nossa fala, isto é, nosso enunciados (...), estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas também, em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.

A percepção gradativa de um movimento nesse percurso dialético – inter↔intradiscurso/intradiscurso↔interdiscurso – mostra-nos o trabalho desenvolvido pelos sujeitos: as palavras são assimiladas interdiscursivamente, reestruturadas e modificadas intradiscursivamente pelos sujeitos; movimento este que denomino de construções de posições.

Com o intuito de polemizar e ampliar o conceito de autoria e as implicações no processo de constituição identitária, compartilho da posição assumida por Possenti

(1995; 1998), em sua revisão da noção de sujeito, a partir de uma releitura de postulados da Análise do Discurso de linha francesa, em sua “3ª época” – a demonstração da heterogeneidade discursiva a partir da ênfase na presença do O outro no discurso. Propõe o autor uma revisão da forma simplificada no tratamento dado sobre heterogeneidade e o papel do O/outro no processo de constituição do sujeito e do sentido: a partir da categoria atividade, vê o sujeito em ação, em um “trabalho estratégico” em que “escreve a sua subjetividade”. Diante disso, à concepção de **heterogeneidade mostrada** (v. Authier-Revuz, 1990) propõe uma inversão - a ação do sujeito, detectada no discurso do O/outro, não pode ser disfarçada - tal trabalho do sujeito manifestaria, na verdade, uma **subjetividade mostrada**, inversão que, longe de uma simples mudança de nomenclatura, constitui uma quebra de paradigma na questão da constituição do sujeito.

E é com base nessa polarização e compartilhando dessa noção de **subjetividade mostrada**, defendida por Possenti, manifestada pela concepção de um “trabalho estratégico” do sujeito, cuja ação propicia a *desestabilização de enunciados estáveis* e produz um novo *acontecimento* (cf. Pêcheux), que proponho a noção de uma **autoria constituída e mostrada**:

a) ao mesmo tempo em que é constituída pela alteridade, segundo a perspectiva dialógica bakhtiniana:

O próprio locutor como tal é em certo grau um respondente, pois não é o primeiro locutor que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência de enunciados, anteriores emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles). (...) Cada enunciado então, é um elo da cadeia complexa de outros enunciados” (Bakhtin, 1992:291);

b) é também **mostrada**, pois no jogo da alteridade, na perspectiva bakhtiniana, constitutivo do discurso, ambos os interlocutores, sujeitos sócio-históricos são participantes ativos no processo da interação verbal, ambos exercem posições responsivas ativas:

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na

medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. Nesse caso, a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual (...) (op.cit.: 312).

### **PEDAÇOS, PEDAÇOS, PEDAÇOS...**

*[...] por um grande esforço de transformar pela palavra o que talvez só pela palavra possa vir a ser transformado. (José Saramago)*

De acordo com Jolles (1997), todo o trabalho deve possuir um sentido que permita ao homem impor-se, sendo que a compreensão desse sentido deve conduzir o trabalho, como tal, à sua plena realização. Para a compreensão do universo é necessário que o homem nele mergulhe, que o sonde, que intervenha nele para realizar uma seleção, reduzindo a infinita quantidade de seus fenômenos. Assim, ao intervir, aprofunda, reduz, congrega, reúne os elementos conexos, separa, divide, decompõe e repõe o essencial em pequenas pilhas. Como tais elementos não possuem, de início, uma forma própria, o trabalho do homem consistirá em dar um sentido e uma forma própria ao operar-se a reunião durante a decomposição. Dessa forma

*Os semelhantes encontram-se; só que não constituem conjuntos de pormenores, mas uma diversidade cujos elementos se interpenetram, se unem, se fundem para apresentar uma forma suscetível de ser apreendida como objeto que possui - diríamos - sua validade e coesão próprias. (Jolles, p.29)*

Na perspectiva de Certeau (1990), os usuários produzem uma “bricolagem com e na cultura dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses e suas próprias regras” (p.40), em práticas que, segundo o autor, é como se organiza um outro saber, ou seja, um saber da cultura popular. Essa cultura popular

formula-se essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma ratio

popular, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar (p.42).

Essa arte de combinar indissociável da arte de utilizar parece ser a referência do trabalho de bricolagem pelos sujeitos usuários da linguagem, que manuseiam segundo seus interesses e regras, como se pode perceber no processo de tessitura do tecido textual adiante.

Tomemos como exemplo deste “fazer textual” fragmentos de narrativas de alunos, ou seja, “pedaços, pedaços, pedaços...”, no dizer de V.S.; sujeitos em constituição, estudantes em curso de formação de professores de língua materna, que materializam sua percepção de mundo por meio de suas histórias de letramentos, reavivadas por lembranças e em fragmentos da memória:

#### Segmento 1

*“E uma voz aveludada de qualquer mulher menina perdida em sua vasta história e discografia que a escolhera ao acaso, tocava sua alma de leve, intensa como brisa noturna. Depois do caos de tantas visões, estava alegre por pousar em terra firme e novamente recordar o que a seus pés já permitiam tocar: suas lembranças.” (V.S.)*

#### Segmento 2

*“Desejo é o nome do bonde que me trouxe até aqui. Hoje, acredito que a leitura, de um modo geral, tenha contribuído muito nas escolhas que fiz na vida...” (EHD)*

#### Segmento 3

*“O tema de hoje é a morte [...] Café. Encontro marcado num grande sertão que é do tamanho do mundo. A Capitu não traiu, não mesmo. A Sofia nem existia: insistia. Qual terá sido o meu crime? Castigo. Se eu viver cem anos, estes serão da mais terrível solidão, mas o livro que encerra tudo ainda não foi escrito, ufa... Sono. Cresci: meus sonhos não são mais possíveis. Sou inseguro. A vida é sono. Mais café! CCH é o nome da atriz. E eu aqui no CCH; nem aí, esperando Godot.” (idem)*

#### Segmento 4

*“Apaixonara-se, em meio às turbulentas emoções, novamente por ela [Letras]. Fincou raízes, bateu o pé, viu a vida toda passar em um só segundo: estava no mundo para conduzir outros bailares. Sentia-se novamente útil e amada pela vida e por todos aqueles aprendizes que a cercavam na nova sala [...] Encantara-se pelo que parecia impossível, outros Machados, outros anos eternos de solidão, outra rosa que brota do asfalto, outro sertão de veredas, outro encontro marcado.” (VS)*

#### Segmento 5

*“Desejo é o nome do bonde que me trouxe até aqui. Hoje, acredito que a leitura, de um modo geral, tenha contribuído muito nas escolhas que fiz na vida...” (EHD)*

#### Segmento 4

*“Na terceira série, fiquei um pouco decepcionado quando aquela professora moralista teceu críticas depreciativas sobre o texto de Ruth Rocha, Marcelo, Marmelo, Martelo: ‘Fico muito espantada em ver um texto que estimule as pessoas a falarem errado, ainda mais uma autora como a Ruth Rocha, com todo o seu trabalho voltado para crianças. Um cachorro chamado Godofredo... que falta de respeito. Godofredo é nome de senhor...’.*

*Aquela professora pré-histórica com certeza não compreendia os questionamentos infantis sobre a formação das palavras! [...] Acho muito relevantes os questionamentos de Marcelo, e sempre me interessei pela palavra reconstruída, ganhando novos valores, novas formas. Deve ser por isso que meus melhores amigos, e até mesmo a Veridiana gostavam de inventar novas maneiras de dizer as coisas.” (EHD)*

É possível apreender aqui nessa mobilização dos sujeitos para a construção de um fazer textual que “há encontro de dois textos, do que está concluído do que está sendo elaborado em reação ao primeiro. Há, portanto, encontro de dois sujeitos, de dois autores.” (Bakhtin, 1992: 333).

Em sua intenção discursiva, para a construção de seu enunciado, os sujeitos selecionam as palavras e recursos linguísticos à sua disposição, construídos sócio-historicamente por outras consciências e das quais eles são parte que ajudou a construir. Essa seleção é orientada pelos julgamentos de valor dos sujeitos voltados para um determinado tópico em jogo na atividade interacional, carregados de expressividade (sua visão do mundo, seu juízo de valor, suas emoções) e também pelo ouvinte para quem o discurso é dirigido, particularidade constitutiva do enunciado. Dirigido a esse interlocutor, pressupõe um enunciado resposta do outro, um ato-resposta baseado em determinada compreensão (cf. Bakhtin): assim, a expressão da posição do locutor implica, dialogicamente, a expressão de uma posição responsiva, isto é, a construção de um outro enunciado com as palavras carregadas de expressividade (sua visão do mundo, seu juízo de valor, suas emoções).

A constituição de um interlocutor em locutor, um respondente ativo, é revelada pela internalização dos recursos linguísticos construídos socialmente, a partir da compreensão dos signos linguísticos de sua própria língua, ou conforme Bakhtin (1992, p.301), “assimilando as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas”. Tal constituição é revelada, sobretudo, através da construção de uma prática de escrita voltada para a mobilização dos recursos

expressivos linguísticos, escolhidos entre os recursos alternativos do trabalho linguístico de outros falantes e do próprio interlocutor-locutor, colocados à sua disposição para o processo de constituição de um discurso (Possenti, 1988).

## **(IN)CONCLUSÕES**

*Falar do dito não é apenas re-dizer o dito mas reviver o vivido que gerou o dizer que agora, no tempo do redizer, de novo se diz. Redizer, falar do dito, por isso envolve ouvir novamente o dito pelo outro sobre ou por causa do nosso dizer. (Paulo Freire)*

Da mesma forma que Sexta-feira, nesse contexto, representa um interventor no “cosmo” organizado, “a **pedra negra** que se opõe ao sistema” (cf. Certeau, 1990), o invasor, que armado com armadilhas e estratégias, faz o seu jogo, um jogo “diferente” no jogo do outro, os sujeitos falantes aqui mobilizados, trabalhadores em atividade linguística, na realização do jogo de produção textual-discursiva, usam e manipulam estrategicamente recursos linguísticos internalizados construídos socialmente.

Ensina Bakhtin (1992:404) que “compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto), no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimente). Etapas da progressão dialógica da **compreensão**; o ponto de partida - o texto dado, para trás - os contextos passados, para frente - a presunção (e o início) do contexto futuro”.

A inserção dos alunos no domínio do letramento literário, por meio do contato cada vez mais acentuado com diferentes textos literários, suscitará a percepção de que tais textos não compreendem apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também uma forma de assegurar seu efetivo domínio, por meio de uma educação literária; o que, certamente, contribuirá para a manifestação de subjetividades e para a construção de posições de poder vinculadas à sua apropriação de letramentos de prestígio

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Bakhtin, M. 1992 (original de 1953). Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes.

Barton, D. Local literacies. 1998. *Reading and writing in one community*. London: Routledge.

Barton, D. Hamilton, M and Ivanic, R. 2000. *Situated Literacies* – reading and writing in context. London: Routledge.

Bhabha, H.K. O local da cultura. 1998. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG.

Bhabha, H.K. The third space. 1990. In: Rutherford, J. (org). *Identity: community, culture, difference*. London, Lawrence and Wishart

Calvino, Ítalo. 1994. Palomar. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras.

Certeau, M. de. 1990. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes.

Clark, R. & Ivanic, R. 1997. The politics of writing. London: Routledge

Jolles, A. 1976. Formas simples. São Paulo: Cultrix.

Possenti, S. 1988. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. 1995. O “eu” no discurso do “outro” ou a subjetividade mostrada. In: Alfa, São Paulo, 39: 45-55.

Possenti, S. et al. 1998. Discurso do outro: lá onde o sujeito trabalha. In: Alfa, São Paulo, 42:113-131.

Rajo, R. 2009. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial.

Soares, M. 1998. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.

Soares, M. 2010. *Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento*. In: MARINHO, M. e CARVALHO, G.T. (Orgs.). *Cultura Escrita e Letramento*. Belo Horizonte, Editora UFMG.

Street, B. 1993. *Cross-cultural approaches to literacy*. New York: Cambridge University Press.

Street, B. 1995. *Social literacies: Critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. Longman, London, New York

